



O TEXTO LITERÁRIO COMO PRÁTICA DISCURSIVA – *PRIMERA MUERTE DE MARÍA*, DE JORGE EDUARDO EIELSON

Jorge Rodrigues de Souza Junior¹

Com *Primera muerte de María* (1988), de Jorge Eduardo Eielson, estabeleço uma discussão sobre as implicações em torno da interpretação de um texto literário em relação às noções de transparência, de evidência e de legibilidade. Essas serão discutidas a partir do jogo contraditório que se estabelece entre o que ORLANDI define de função-autor e seu efeito-leitor (ORLANDI, 1987), jogo que demanda várias possibilidades de interpretação a partir da legitimação de uma leitura em meio a outras, legitimação materializada pela função-autor na materialidade de qualquer texto, que convoca uma memória que mobiliza sentidos, leituras e interpretações – a leitura como prática discursiva, pensada e realizada como processo interpretativo. Neste caso, proponho conjuntamente uma reflexão sobre a interpretação de textos escritos em língua que não a materna do leitor, pois em casos como este há uma contradição que é determinante, considerando que a materialidade linguística de uma língua é permeada por uma memória discursiva que a constitui, e que esta mobiliza sentidos e dizeres que são atualizados em uma determinada enunciação.

Desta forma, há uma interpretação materializada por uma função-autor, esta realizada desde uma territorialidade e uma língua diferentes das do leitor, e tal função-autor, realizada sob tais condições de produção, configuram um efeito-leitor a partir de uma diferença mais acentuada, pois atualiza uma memória discursiva, projetada na materialidade linguística da obra literária, que contém sentidos e dizeres mais opacos que os realizados a partir de uma obra literária escrita na língua materna do escritor. Ademais, a narrativa em questão convoca uma tensa relação entre os sujeitos-personagens e o sujeito-autor em seu lugar de autoria, ele também ao mesmo tempo um personagem da narrativa, o que se configura como um elemento importante a ser considerado na análise das condições de produção desta narrativa. Esta é sustentada por uma contradição que a considero fundante, no marco em que Mignolo (2003) estabelece como a colonialidade do saber em discursividades de países colonizados – o saber como materialidade discursiva cindida por uma contradição constituída por temas e saberes difundidos desde lugares considerados como privilegiados na produção de saberes científicos e culturais; e os saberes ditos como locais, produzidos em países periféricos dos grandes centros difusores de cultura e saber, contradição que ocupa posição central na narrativa de Eielson, ao convocar esses saberes opostos a partir da Europa e do Peru, territorialidades presentes em sua narrativa.

¹ Doutorando em Letras, área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana – FFLCH-USP.



O trabalho proposto visa estabelecer uma discussão sobre o texto literário tomado como materialidade discursiva, analisando-o enquanto processos enunciativo e discursivo configurados e constituídos historicamente, na tensa relação, também dinâmica, estabelecida entre a materialidade linguística dos textos e os processos históricos e as práticas sociais que participam de suas condições de produção. Ademais, refletindo sobre a especificidade do texto literário em processos de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira, foco de minha pesquisa em andamento, o estabelecimento também como materialidade discursiva à problematização da cultura enquanto processo, o texto literário pensado como materialidade cultural ao pôr em jogo discursos e sentidos produzidos em determinadas condições de produção.

Neste trabalho retomo um funcionamento discursivo relacionado à autoria, denominado por ORLANDI de função-autor (1987), efeito que funciona como uma função organizadora que constitui unidade ao texto e lhe confere completude e o individualiza. É pela função-autor que enunciados dispersos se reúnem em um texto por uma ilusão de unidade, delimitando-o no espaço e no tempo como um discurso único, remetido imaginariamente a um sujeito que se configura como o seu autor. A força dessa função organizativa se faz pela configuração do autor como fonte do dizer, e desse lugar de autor são realizadas cobranças em relação à clareza, coesão e coerência do texto.

Historicamente, conforme o gênero em que o texto é produzido, há determinações estabilizadas à sua realização, as quais o sujeito, para ocupar um lugar de autoria, é obrigado a seguir. As condições de produção desse texto, já determinadas por uma memória que configura a constituição, a formulação e a circulação do gênero, direcionam a função-autor do sujeito que se coloca em posição de autoria.

Correlacionado à função-autor há também o seu efeito-leitor, construído na materialidade do texto, determinado pelas suas condições de produção e que configuram sua leitura e interpretação. Antecipações imaginárias projetadas pela função-autor no texto determinam e autorizam a leitura e sua interpretação, legitimando determinados leitores (ou leituras) e silenciando outras. A função-autor configura o modo de ler e de interpretar, configurando o seu efeito-leitor. Deste modo a leitura faz-se como uma prática discursiva, enquanto processo cujo funcionamento é determinado pelas condições de produção do texto.

Em *Primera muerte de María*, Jorge Eduardo Eielson elabora uma novela em que mescla duas narrativas, cujas funções-autor possuem um funcionamento distinto: uma, com um narrador onisciente, de gênero romance, em que há uma narrativa e personagens, e outra em que o próprio autor, em primeira pessoa, à guisa de diário e crônica, apresenta suas memórias e reflexões sobre a sua infância no Peru, com reminiscências e considerações sobre Lima, cidade distante tanto afetiva quanto geograficamente. Ambas narrativas são apresentadas por capítulos, mesclados entre si, com a diferença de que a narrativa ficcional possui capítulos nomeados com título e a narrativa memorialística possui capítulos nomeados com datas.

María Magdalena, metaforicamente uma personagem dividida, devido a sua mestiçagem entre o branco e o negro, mestiçagem pouco comum se comparada à de maior ocorrência no Peru, a de entre brancos e índios, era uma mulata que vivia em uma zona pobre de Lima, órfã aos 16 anos, que ao longo de sua vida possui uma relação amorosa com três homens diferentes, ambos marcados pela divisão social e econômica do país. Tais divisões, constitutivas não somente dessas relações, mas também da própria vida desses personagens, são uma reflexão de Eielson sobre a contradição de um país cindido entre um passado glorioso presente em memórias e ruínas e um presente caótico, desumanizado, em que o econômico dá as cartas e define o rumo de tudo e de todos.

A outra narrativa que compõe a obra é composta por depoimentos de Eielson, a modo de diário e crônica. Ao invés de título, são nomeadas por datas aleatórias, narradas em primeira pessoa, como memórias e reflexões, nas quais o autor constrói uma identidade de um Peru distante (o narrador enuncia desde a Europa), particularmente seu, mas também construído sobre sua própria identidade, em uma performance e em uma relação com o diferente – o próprio Eilson da infância peruana, em contraponto com o Eilson adulto e ele mesmo diferente em relação ao contexto no qual vivia quando a obra foi escrita, na Europa.

Considerando o funcionamento discursivo da função-autor de cada uma dessas narrativas – que, como dissemos anteriormente, é um efeito que realiza uma função organizadora que constitui unidade ao texto e lhe confere completude e o individualiza – há dois funcionamentos discursivos distintos, mas ambas mediadas por uma subjetividade significante: e assim como o sujeito é cindido, a narrativa também o é, espelho de identidades e sentidos que conformaram a subjetividade de Eilson, escrita realizada por um processo que convoca uma memória discursiva desde lugares distintos, a de sua infância e a de um país atravessado por uma colonização que deixou marcas na sua formação como nação. Dispersão de memórias e de sentidos reunidos sob um mesmo discurso, construído por um efeito de unidade (a função-autor).

Na relação entre essas duas narrativas, aparecem em *Primera muerte de María* elementos que remetem a uma cultura de massa, que não seriam uma mostra ou uma representação contemporânea de ícones culturais², mas algo significativo e gerador de efeitos de sentido à identidade do sujeito de Eielson, peruano que vive em Paris e cuja lembrança de sua terra natal é mediada por símbolos e representações, sobretudo, de uma cultura produzida desde outra territorialidade, desde outros saberes e discursos, desde outra língua – a inglesa. Entretanto, nos capítulos de narrativa ficcional, os saberes legitimados são os que comumente são apagados pela cultura de massa, os locais, saberes fora de lugar e subjugados desde uma valorização, mediada por séculos de colonização europeia, que legitimou sentidos produzidos desde a metrópole espanhola, por uma visão de sociedade ocidental e cristã, a desprezo de séculos de memórias de sentidos e discursos produzidos localmente a partir da cultura ameríndia, sobretudo inca, que ali existia. Assim

² Ou do que poderia ser considerado cultural na época da ação.

como o chapéu de Clémentis³, o silenciamento dessa rede de discursos da cultura local produz sentidos na contradição com a cultura imposta e nesse rico jogo contraditório Eielson arma uma rede de sentidos e de significações que ao seu ver identificariam o sujeito peruano.

Tais elementos, em uma aparente conformação, estão estabelecidos em uma contradição constitutiva, entre o que seria local e o que, no momento da ação da narrativa, estaria relacionado a uma cultura de massa e global. Neste ponto de articulação, mobilizo algumas passagens do livro com base em uma reflexão sobre saberes locais e globais na territorialidade latino-americana.

As remissões a elementos culturais globalizados ou massificados, por pertencerem à outra territorialidade, como a presença de Marilyn Monroe quando María Magdalena vai ao cinema ver um filme com Roberto, ou como a música de Frank Sinatra a embalar os pensamentos de Lady Ciclotrón, a outra personalidade de María nomeada em inglês, erotizada e pertencente a um lugar típico das grandes metrópoles e de seus valores morais, constroem um ambiente cosmopolita e pertencente a qualquer outra grande metrópole, um lugar “não-lugar”⁴ contraditório aos demais ambientes relatados na narrativa.

Em comparação a isso, as passagens como a de Pedro na procissão e as recordações de José sobre Lima são um contraponto a este lugar “não-lugar”, ambos denotadores da transculturalidade do ser peruano. Na procissão, os elementos que aqui apresento como culturais, remetem ao catolicismo, a um simbolismo religioso de outra territorialidade, a europeia. Pedro, sujeito por um assujeitamento realizado a partir de uma rede de memória e de sentidos não coincidentes com tais elementos permite-se a realizar uma erotização em plena procissão, personagem não europeu, ameríndio, que alcança o gozo físico sexual, ao mesmo tempo que os demais buscam o gozo espiritual nesse ritual religioso. Eielson, logo em seguida, em um capítulo em que expõe suas memórias e lembranças, à guisa de justificação e de argumentação, discute esta passagem ao argumentar que “*el culto fálico, además, está presente en las culturas precolombinas – como en todas las antiguas civilizaciones*” e que por isso não haveria estranhamento na passagem que acabara de relatar, como narrador, pelo fato de que Pedro era um pescador “*de la antigua América, o su descendiente*”, cuja atitude não seria considerada sacrilégio conforme o simbólico dessa *antigua América*.

³ COURTINE (1999, p. 16), ao retomar um acontecimento a partir de Kundera, que relata os bastidores de uma fotografia realizada em um discurso, um dirigente comunista, chamado Clémentis, empresta seu chapéu a Klement Gottwald, que ao discursar o usa. Fotos desse discurso foram tiradas e divulgadas; entretanto, anos mais tarde Clémentis foi enforcado por traição e sua figura fora apagada de todas as fotos em que aparecia; porém, na do discurso de Gottwald, seu chapéu permaneceu. Através desse fato, Courtine trata da questão da memória discursiva e do trabalho realizado por apagamentos na ordem do discurso, constitutivos de condições de produção de futuros discursos permeados por essa memória discursiva, que determinariam possíveis formas de enunciação; Courtine destaca que o objeto da Análise do Discurso não é a língua em sua forma escrita, mas o enunciável, as diferentes possibilidades de significação que a memória discursiva pode possibilitar, inclusive aquilo que é silenciável ou apagado, que deixa marcas e também produz sentidos, como o chapéu de Clémentis.

⁴ Possível de pertencer a qualquer lugar.



As lembranças de José sobre Lima, “mezcla de índio y español”, que “vagamente se consideraba peruano, porque alguna vez había tenido unos papeles” denotam a sua condição de indivíduo, mas não de cidadão – esta última válida somente com a posse de documentos que o reconhecessem como peruano, não mais em seu poder. Sua cultura mestiça, mas ao mesmo tempo deslocada da cidade por sua condição de pescador, se contrapõe a um lugar cosmopolita em que a cultura de massa e ocidentalizada constroem um simulacro de civilização, onde ele, um tipo representativo do ser peruano, ao ser em si mesmo uma reunião de duas das maiores etnias que formaram o país, “se sentía un mendigo a las puertas de una mansión principesca”.

Ruínas do que fora a civilização ameríndia permanecem na conformação da cidade, hoje “Metrópoli” construída em cima de tais ruínas e de restos de pessoas não cidadãs como ele, nativos farrapos humanos cujo saber e modo de vida são desconsiderados e desvalorizados, silenciados. Metáfora ao mesmo tempo concreta dos saberes locais ao que faz menção Mignolo (2003), submetidos e deslocados pelo Ocidentalismo, por uma visão de mundo que valoriza as informações e os saberes produzidos pelos centros econômicos mundiais, cujo modelo de civilização e de modo de vida são disfrutados apenas por aqueles beneficiados por tal, interpelados e conformados por esses saberes, cindidos e diferenciados pela diferença colonial – o de fora como mais valorizado ou o único modo válido de atuação, em detrimento do local.

Esta contradição estabelecida por Eielson em sua narrativa é a reivindicação de saberes e de modos de vida silenciados e deslocados pela colonização ao construir um discurso que expõe os conflitos e as relações de poder constitutivas de um país que fora uma colônia europeia e que, ao tornar-se país, não conseguiu realçar tais saberes – mas somente manteve os mesmos mecanismos de silenciamento implementados pela Metrópole colonizadora. A narrativa de Eielson em *Primera muerte de María* está diretamente relacionada ao que Mignolo aponta sobre a estrutura da colonialidade do poder – diretamente relacionada com a do saber, mostrando os limites da diferença colonial, presente em todas as relações de poder e de saber entre os sujeitos e o Estado. Eielson desloca esses limites ao expô-los, assim como Mignolo (2003) realiza em sua discussão teórica:

Mi intención [...] es desplazar el conocimiento hasta los límites de la diferencia colonial, allí donde los conocimientos sometidos se convierten en conocimientos subalternos en virtud de la estructura de la colonialidad del poder. Según mi concepción, los conocimientos subalternos van a la par con el Occidentalismo, en tanto imaginario global del sistema-mundo moderno/colonial: el Occidentalismo es la cara visible de la construcción del mundo moderno, mientras que los conocimientos subalternos son su cara más oscura, la cara colonial de la modernidad (MIGNOLO, 2003, p. 80).

Nesta linha de reflexão tomo como subalterno na obra de Eielson os saberes relacionados ao histórico, ao nativo, ao natural – e que estão diretamente relacionados à territorialidade peruana. Como exemplo cito o episódio dos pescadores que protestam contra uma epidemia que atinge cardumes que lhes causa prejuízo, e conseguem uma audiência com o ministro responsável pela área, sendo tal episódio mostra de como o saber diretamente relacionado às práticas de extrativismo animal, passado de gerações em gerações, é anulado e coloca em posição de desvantagem os



pescadores frente ao poder exercido desde um lugar institucional pelo ministro – e que segue um modelo ocidental europeu, que sustenta as relações de poder no país, conforme a reflexão de Mignolo. Tal saber é, ao mesmo tempo, ocultado e também colocado como saber valorizado por Eielson, que não o desloca, mas o coloca como centro da narrativa, como se nota na configuração dos personagens de José e de Pedro, que salvam a personagem de María das tentações e facilidades proporcionadas por um estilo de vida discutível, personificadas na dançarina Lady Cíclotron.

Em uma narrativa típica dos atuais gêneros literários narrativos, nos quais não há uma linearidade narrativa, constituída a partir de reflexões sobre a sua posição contraditória de sul-americano subalterno⁵ mas, ao mesmo tempo branco enquanto habitante de zonas hegemônicas de saber e de produção de conhecimento, por viver na Europa, o que lhe permite voltar os olhos ao distante Peru, Eielson legitima saberes silenciados por um mecanismo que Mignolo trata como *colonialidade do poder e do saber*, e que se constituem definidores dos personagens, de suas histórias e misérias.

Considerando o uso de materialidades literárias produzidas em língua estrangeira em aulas de ensino de língua, tema de minha pesquisa de doutorado, tenho como hipótese que a problematização da função-autor nesses casos torna-se produtiva pela possibilidade de abordar as condições de produção que a determinaram, permeadas por uma memória e por uma rede de significações que, ademais do que ocorre com qualquer discurso (ou seja, não são repetíveis e determinam as interpretações possíveis, o efeito-leitor decorrente da função-autor materializada) essas também foram armadas a partir de uma diferença mais acentuada, pois atualiza uma memória discursiva que, ao ser projetada na materialidade linguística do discurso narrativo, alça sentidos e dizeres mais opacos que os realizados a partir de um discurso produzido na língua materna do escritor.

Apesar de não ter condições de problematizar e desenvolver esta questão, como resultados de reflexões iniciais que apresento neste breve trabalho, foi possível delinear-la a partir de algumas considerações sobre o discurso narrativo de *Primera Muerte de María*, que estabelecem questões importantes sobre discussão de cultura e saberes relacionados a identidades a partir de uma abordagem discursiva de textos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, J. J.. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

EIELSON, J. E. *Primera muerte de María*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

⁵ Conforme reflexão de Mignolo, em contraposição aos saberes e modos de vida hegemônicos e eurocêntricos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

MIGNOLO, W. D. *Historias locais/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madri: Akal, 2003.

ORLANDI, E. Sobre tipologia de discurso. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987. p. 217-238.